

Quando a violência e a exclusão são necessárias à saúde

A concepção da Psicanálise, apresentada por Freud, foi o resultado da convergência e do rompimento com algumas idéias que vigoravam no meio científico de sua época.

A presença de suporte oriundos da Filosofia tem sua razão pelo *status* que este campo do saber ocupava. A Filosofia era a ciência magna e seu estudo obrigatório. Quando Sigmund Freud entrou para a escola de Medicina foi o primeiro ano em que perdera esta obrigatoriedade, tornando-se matéria eletiva. Freud optou pela permanência em seu currículo.

Por conta de sua viagem a França e o encontro com Charcot, ao retornar a Viena, Freud abriu seu consultório como neurologista no notório endereço da *Berggasse 19*.

Em seu empreendimento teórico muitos embates aconteceram, o que pode ser revelado em seus primeiros artigos. Antes de citá-los, é importante ressaltar que seu desejo era criar uma teoria que pudesse dar legitimidade a sua idéia de defesa, mas que fosse aceita pela comunidade científica em que circulava. Contudo, para isso, os enunciados fisicalistas deveriam ser seguidos. Tudo deveria ser explicado pela oposição de forças que tinha como exemplo padrão a relação entre atração e repulsão. E Freud assim o fez. É fácil identificar, em seus artigos, postulações em que forças se opõem. O grande problema foi situar sua filiação filosófica.

Freud vivia em uma Europa compreendida entre duas grandes correntes. Por um lado a filosofia crítica, representada pelo kantismo e, por outro, a *Lebenphilosophie*, representada por Brentano, este último orientador de Freud. Então, Freud parte desta tensão para procurar uma terceira opção que pudesse compor com suas idéias. Para isso, a escolha teria que recair sobre um filósofo de peso para garantir a legitimidade de sua teoria. Aristóteles pareceu ser aquele que sustentasse suas hipóteses, mas o fez subvertendo-a.

Assim, Freud subverte a Teoria das quatro causas em que Aristóteles, muito resumidamente, diz que “todo efeito é precedido pela causa”, em m

referência à causa finalista. Freud, elegendo o só-depois, enuncia que “todo efeito é sucedido pela causa”. A observação clínica dos efeitos, enquanto sintoma acarretará não que busquemos a causa, pois seria aristotélico, mas que tenhamos que construí-la na transferência. Sua causalidade psíquica então, estará ligada à rememoração. Trauma não mais será o fato, mas a lembrança dele.

Podemos ler no artigo “Hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896) o trabalho epistemológico de Freud em se contrapor às idéias a respeito da etiologia das neuroses, atribuídas até então, à hereditariedade.

Considerar a sexualidade infantil como epicentro das formações traumáticas que levariam ao aparecimento de uma psicose, por mais óbvio que possa, hoje em dia, parecer, custou a seu criador vários impasses. Entre eles, estava a concepção de sexualidade determinada por Kraft-Ebbing, que a vinculava à maturidade biológica e à produção de hormônios sexuais, voltadas exclusivamente para a reprodução, tese aceita desde o século XIX. Não obstante, as teorias da degeneração, a localizacionista wernickiana e a prevalência etiológica da hereditariedade levaram Freud a muitos debates que podem ser observados em seus textos situados entre o “Projeto para uma psicologia científica” (1895[1950]) e os “Três ensaios sobre a sexualidade infantil” (1905).

É preciso evocar que a sexologia de Kraft-Ebing transformou em postulados científicos uma série de interditos e de normas sobre a sexualidade que se constituíram no Ocidente desde o cristianismo... Com isso, o prazer e o gozo humanos foram desqualificados e esvaziados no seu valor em face das exigências maiores da cristandade. Por essa operação, o sexual foi identificado com a idéia de *pecado*, de maneira tal que o gozo se identificou com as práticas diabólicas desde a Idade Média.¹

Abordar o psiquismo, o normal e o patológico, a partir de idéias tão contrapostas ao imaginário popular e ao científico de sua época demonstra o radicalismo científico de Freud e sua audácia ao enfrentar seus pares.

¹ Joel Birman, *Cartografias do feminino*, p. 20.

O corpo anatômico é substituído pelo corpo pulsional e a sexualidade se inscreve na fantasia, transformando sua nova abordagem em um novo campo de prática clínica que demanda uma teoria que a legitime, tirando a possibilidade de inscrever a psicanálise em uma metafísica ou mesmo em uma hermenêutica.

O fato de a entidade clínica que lhe serviu de paradigma ser a histeria, acarretou a necessidade de estabelecer uma nova categoria para se juntar aos destinos possíveis da mulher, frente à idéia de reprodução. Além da maternidade, da virilização e da inibição, a histeria aparecia como uma condensação de figuras imaginárias de sua época.

Ao usar a referência ao falo como um operador, construindo uma teoria falocêntrica, Freud vai estabelecer a noção de gênero acoplada à anatomia. Vai descrever a mulher como um homem imperfeito. Freud vai buscar nos gregos tal concepção. Este é um fato curioso. O que Aristóteles escreveu que tanto interessou a Freud a ponto de romper com a epistemologia vigente? A resposta óbvia é que os modelos de ciência até então utilizados – Ciências da Natureza (*Naturwissenschaft*) e Ciências do Espírito (*Geisteswissenschaft*) não proporcionavam uma resposta satisfatória para compreender o sintoma portando um discurso inconsciente.

Ao propor que pensássemos o psiquismo em termos de uma Metapsicologia, criada para dar inteligibilidade ao que percebia em sua clínica, Freud tomou o sonho como via régia para se pensar o inconsciente, nos dando mais tarde uma punhalada nas costas ao afirmar que somos determinados por processos que não dominamos, nos colocando a alteridade como necessária. Dependíamos de um diferente de nós para que nos tirasse do campo da biologia e nos apresentasse a uma natureza imaginada, incapaz de ser apreendida. O homem não dispunha de símbolos o bastante para que a natureza fosse tomada. Algo faltava e algo restava. É neste resto que Lacan irá formular que aquilo que mais tememos é exatamente o que guiará nosso desejo. O objeto da angústia é aquele que nos faz desejar. Visto assim, é preciso que algo nos falte para podermos desejar. Faltar esta falta é o nosso fim.

Dito isto, creio que poderemos abordar o tema com isenção. Em vez de atacarmos o assistencialismo perverso e condenar a brutalidade do homem presente em seus vínculos, iremos positivá-lo, ou seja, em que situação a violência e a exclusão seriam necessárias á saúde das pessoas.

Bem, para que tudo isso, se o assunto é violência e exclusão?

Porque a sexualidade será pensada como traumática e resultante da interação com o outro.

A violência e a exclusão podem ser compreendidas como necessárias para que possamos nos imaginar gente.

Se pensarmos bem, concordaremos com Marie Moscovici (A sombra do objeto – sobre a inatualidade da psicanálise, 1994, Jorge Zahar editor, RJ, p. 106/108) de que o pequeno filhote humano tem um tempo muito curto para que possa apreender as regras do jogo. Jogo este que aprende jogando. É como ouvi dizer um dia destes: “A vida é uma professora burra. Primeiro dá a prova, depois ensina.” Gostei muito. De 0 a 6 anos deixaremos de ser biologia, aprenderemos um código muito complexo, onde não há repetição do mesmo, não conheceremos o tudo e criaremos as ilusões necessárias para escaparmos da certeza da morte. Todo este aprendizado é realizado pelo acesso a uma temporalidade do só-depois. Acreditaremos que existe um passado, que vivemos no presente e que viveremos o futuro. Bobagem! Os iluministas nos enganaram. Vivemos em ato, no gerúndio, de forma extremamente frágil, incapazes de apreender o presente. O futuro é óbvio que nunca existiu, ficando no mesmo diretório da mula sem cabeça.

O fato é que aquilo que chamamos de presente se trata de uma experiência da ordem da instantaneidade que só a compreendemos quando já terminou.

O processo cultural que Freud utilizou não depende de uma sociogênese (pelo estudo das sociedades) nem de uma psicogênese (como uma seqüência de estados). A cultura é o produto final dos embates que fazemos durante a

vigília para acordarmos no dia seguinte parecido conosco mesmo. É neste viés que positivo a violência e a exclusão.

Somos violentamente arrancados do parasitismo, como forma relacional intra-uterina e temos que dar conta de um universo estranho, em que o próprio corpo faz parte.

Lacan utilizou um termo “complexo” para relatar o que acontece com o humano a partir daí.

Freud concebe a causalidade psíquica subvertendo a aristotélica, como dissemos, e. Lacan apostará nesta tese, assumindo uma temporalidade própria do psíquico. Para Lacan o valor traumático é reconhecido em relação a um acontecimento atual que se enlaça ao anterior, resignificando-o, pela lógica do só-depois. A causa terá de ser construída na transferência e conterà um cunho de verdade histórica, assumida como lembrança.

Devo ressaltar que estarei me utilizando de um segmento muito específico das formulações lacanianas que não representarão o total de sua obra. Muitos desdobramentos e acréscimos ainda estariam por vir. Estarei falando a partir da tópica do imaginário, datada do começo de seus Seminários.

Em uma conferência realizada na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 1936, onde propõe que seja utilizado o experimento do espelho para descrever os momentos estruturais constitutivos do humano.

A idéia de teorizar a formação do Eu a partir da metáfora do espelho surgiu do interesse despertado pelas concepções do psicólogo francês Henri Wallon² que, em 1931, estudou os fenômenos especulares dando importância especial à precocidade visual e à sociabilidade da criança entendida como um processo psicológico inserido em uma dialética natural. Este autor dizia que, aos poucos, a criança percebe a diferença que existe entre seu corpo e a imagem que observa no espelho. Wallon chamava de “prova do espelho” esta

² Henri Wallon foi professor na Salpêtrière de 1908 a 1931 e da Sorbonne de 1920 até 1937, sendo um importante personagem do pensamento psicológico francês, e com quem Lacan manteve uma interlocução nos primeiros 15 anos de sua obra.

experiência que ressalta a passagem do momento especular para o imaginário e do imaginário para o simbólico (Piquet, 2000).

É importante ressaltar que o interesse de Wallon é voltado para uma abordagem cognitivista, enquanto que para Lacan é um processo inconsciente e ontológico. Para este, o estágio do espelho é erotizado, da mesma forma que o Eu de Freud, antes de tudo corporal e investido libidinalmente pelo outro.

Para Wallon as estruturas mentais não são dadas desde o início, têm que ser constituídas. Ao circuito social onde a criança vive, Wallon chamou de ambiência. Na abordagem dos complexos, que empreende em 1938, em “Os complexos familiares”, Lacan leva em conta esta idéia. Para Lacan, o espelho implica em uma relação a três: a criança, o entorno e a mãe que sustenta o processo identificatório.

O texto a respeito dos complexos familiares é o momento de maior proximidade entre Lacan e Wallon.

Em 1938, a pedido de Wallon, Lacan escreve um artigo para a *Encyclopédie Française*, no tomo VIII. Na segunda parte, intitulada “*Circonstances et objets de l’activité psychique*”, escreve a seção “A”, chamada “A família”, onde ressalta a importância do imaginário na formação do sujeito, abordando a questão dos complexos familiares.

Lacan descreve três complexos como formas de reprodução de um determinado tipo de organização psíquica. São chamados de “complexo do desmame”, de “complexo de intrusão” e de “complexo de Édipo”. Para nosso interesse, nos deteremos no segundo, o “complexo de intrusão”, também chamado de “complexo fraterno”.

Este complexo representa a experiência da criança ao se deparar com a presença de seus semelhantes. A reação de rivalidade propiciada por esta percepção está na origem da sociabilidade, mais tarde desenvolvida, e que representa uma identificação mental, sendo neste aspecto que Lacan vai se deter (Lacan, 1993, p. 31). Crianças com idades compreendidas entre seis meses e dois anos, deixadas juntas, apresentam reações comunicacionais,

imitativas, nas quais Lacan entende que “se esboça o reconhecimento de um rival, ou seja, de um ‘outro’ como objeto” (Lacan, 1993, p. 31). A imagem especular e a do semelhante são objetos de identificação – são ideais e rivais.

Cada criança vai se confundir com o outro e com este se identificará. Pode ser depreendido que esta imagem do outro esteja ligada primordialmente à estrutura de seu próprio corpo através do que Lacan chamou de “similitude objetiva” (Lacan, 1933, 33).

A trama identificatória especular acontece em um período da vida que Charlotte Bühler e a Escola de Chicago chamaram de “transitivista”, indicando que a criança se identifica e se confunde com a imagem do corpo de um outro. Por exemplo, chorar ao ver uma criança chorar, ou mesmo ao ver uma outra criança cair, como se tivesse acontecido com ela. Bühler contava histórias de crianças com este tipo de experiência, o que chamou a atenção de Lacan.

O reconhecimento de sua imagem no espelho, a imagem especular, “fornece um bom símbolo dessa realidade: de seu valor afetivo, ilusório como a imagem, e de sua estrutura, como ela reflete a forma humana” (Lacan, 1993, p. 36). A percepção da imagem ativa do outro desencadeia reações discordantes na criança, por conta de sua prematuridade biológica. Antes que o Eu se afirme como identidade, essa “intrusão narcísica”, que é suporte identificatório, irá fazer com que haja uma indistinção entre a criança e essa imagem que a forma, promovendo uma alienação primordial. Uma decorrência importante é que, apoiada nesta identificação, a agressividade poderá emergir dirigida ao outro como objeto da violência. A teoria usada para explicar essa identificação é que será chamada de estádio do espelho.

O texto do Estádio do Espelho é apresentado em 17 de julho de 1949, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zürich, com o nome de “O Estádio do espelho como formador da função do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. Neste texto, Lacan indica que basta entender o estádio do espelho como uma identificação, cuja decorrência promove as transformações que ocorrem no sujeito quando este assume uma imagem (Lacan, 1998, p. 96). A sensação de júbilo decorrente desta captação

especular acontece quando a criança ainda se encontra totalmente sob os cuidados maternos e sua prematuridade biológica resulta somente em impotência motora, com o mesmo enfoque da prematuridade do infante dado por Freud em relação ao desamparo inicial.

O termo jubilatório aponta o valor erótico da imagem percebida, chamada de imagem prenante, que é investida libidinalmente. Mais tarde, Lacan enfatizará seu respaldo no simbólico.

Uma série de gestos e movimentos experimentados em função de se deparar com as imagens refletidas no espelho junto com seu entorno, leva à criação de um complexo virtual com a realidade, implicando a presença de seu próprio corpo e os das pessoas que se encontram neste cenário. A imagem completa percebida no espelho é estranha para a criança, cuja experiência corporal ainda é de fragmentação promovida pelo auto-erotismo. Há um efeito de antecipação de uma unidade que ainda não possui. A identificação que se dá é imaginária, sob a forma de um registro corporal. Lacan nos adverte que, por se tratar de uma forma antecipada, a imagem assim percebida é muito mais constituinte do que constituída, porque antecipa uma unidade na exterioridade de onde é percebida. Em consequência ele postula que o Eu é basicamente alienado. A noção de corpo despedaçado, que Lacan sugere para confirmar o auto-erotismo inicial, é uma construção que se faz em contraponto com um Eu coeso.

Assim, é ressaltado o papel da exterioridade fundadora do Eu, a partir de uma indistinção original entre interno e externo. Toda relação consigo mesmo é atualizada pela relação com o outro, ponto de destaque onde será ancorada a noção de desejo com que Lacan trabalha.

A partir de uma alienação primordial e da identificação fundante, o sujeito passa a ser estruturado como rival de si mesmo. O objetivo de Lacan com esta formulação é se diferenciar da abordagem freudiana, que coloca uma agressividade original junto com as moções eróticas. Lacan afirma que a agressividade é uma vicissitude oriunda das condições em que o Eu se forma, ou seja, a partir da exterioridade de uma imagem libidinalmente investida.

A agressividade é concebida a partir da análise da situação de alienação característica da dimensão imaginária. A anulação ameaçada pelo Eu ou pelo semelhante própria deste momento, estabelece uma situação excludente, onde há lugar somente para um ou para o outro. O sujeito ama e odeia aquele com quem se identifica. Pela confusão entre si mesmo e o outro, este outro se torna a fonte de todo amor e de todo ódio, acarretando projeção desta agressividade. A criança, por tomar como seu Eu ideal a imagem de um outro, fornece um esquema que se apóia na paranóia. A paranóia é tomada como modelo para se pensar essa dialética estabelecida em meio da qual se origina a agressividade.

A percepção de um objeto diferente de si constitui uma grande ameaça trazendo a primitiva sensação de despedaçamento. A constituição imaginária é realizada em paralelo com a vivência de perda de um *status* ideal.

Este é o momento que queremos destacar, qual seja a passagem da experiência especular, do registro imaginário para o simbólico. Geralmente a mãe desempenha a função de quem fornece aquilo que o bebê precisa no campo dos cuidados e da alimentação, mas também fornece um suporte simbólico. Ao prover a criança com alimentos, amor e palavras podem funcionar como mediadora de um processo que abrirá caminho para o acesso ao simbólico. A sujeição ao registro imaginário compreende uma confusão entre o sujeito e o outro. No imaginário não há alteridade. Ao ver refletido sua imagem, esta é tomada como a de um adorável ser, que alternativamente é verdadeiro, se espelha, ou lhe pode tomar o lugar.

Assim, a imagem especular é tomada como objeto, tal qual a imagem própria do Eu. A criança não sabe que o que ela vê no espelho é apenas a sua imagem, podendo, por conseguinte, exercitar seu reconhecimento. Este procedimento faz com que a criança se assegure gradativamente que sua experiência corporal é de totalidade, diferente do registro disperso sentido até então. Isto possibilita a apreensão de uma representação corporal unificada. O esquema corporal coeso e possuído por si mesmo ocorre em torno dos dois anos e meio. Desta forma, entendemos os movimentos desengonçados e atabalhoados das crianças na tentativa dos primeiros passos em direção ao andar.

Essa operação é sustentada no registro simbólico, personificado pela mãe, que vem reconhecer a identificação com a imagem. Os objetos, adquirindo uma permanência e uma consistência, promovem experiências de prazer e de desprazer, caracterizando o momento de formação do Eu.

Assim, um novo critério é estabelecido para lidar com os objetos. O Eu irá se compor de objetos que lhe proporcionam prazer (*Lust Ich*), se contrapondo às experiências objetais causadoras de desprazer, sob a forma de uma dimensão não-Eu que se alojará no psiquismo.

A tarefa que se apresenta à criança nesta hora é a articulação daquilo que é real e o que é imaginário, sendo realizado pelo simbólico, através da linguagem.

A dimensão puramente imaginária inicial se dá quando a criança é arrebatada pela imagem do espelho, que vai ser nomeada por Lacan de Eu-ideal imaginário. Em outro momento, essa dimensão narcísica imaginária passa a ser articulada com a dimensão simbólica, promovida pela identificação com o Outro, pela via do Ideal do Eu, constituindo o que Lacan chamou de segundo narcisismo. Este é o criador das condições necessárias para uma relação mais precisa com o mundo externo permeado pela libido. Aqui já é possível se falar de uma libido objetal e uma narcísica.

É a partir de uma exclusão necessária que o processo de separação se dá, arrebatando-a da alienação imaginária. Dito de outra maneira, o Ideal do Eu é permeado pela linguagem oriunda do Outro e, portanto, diferente do Eu ideal, que é puramente imaginário, um Eu primordial essencialmente alienado.

Assim, penso ter dado suporte à tese de que não é a violência e a exclusão que, para a psicanálise, se torna um problema, mas a alteridade. O que se encontra no epicentro do uso da violência corporal e da exclusão participativa é o valor dado à alteridade. Não é a violência contra um nem a exclusão de alguém, mas o que se torna o maior problema é o que se faz com o diferente de mim, pessoas, idéias e coisas.

Oriundos do latim, violência e exclusão contêm conceitos diferentes, embora complementares. Na palavra violência a principal idéia é a de imposição. Alguém é retirado de seu papel ativo, autor de seus atos e submetido a um outro. Já na palavra exclusão, o conceito é o de se apossar de algo que pertence a outra pessoa de forma não-concensual. Daí, vemos figuras de violência apossando-se do direito à cidadania de alguém, excluindo-a do lugar de par. É imposto um outro código que lhe caça a igualdade de acesso às coisas.

A passividade do filhote humano, nascendo em um código já estruturado pela linguagem, impõe uma paridade que em seu momento seminal é sempre traumático. A prematuridade anatômica acarreta em um empréstimo temporário da ferramenta de simbolização do cuidador. A autonomia crescente se dá à revelia e à custa de muita desilusão, excluindo a criança do privilegiado mundo imaginário. Nestes procedimentos, encontramos os elementos necessários para a aquisição de uma razoável saúde psíquica.

Um projeto narcísico que não seja partilhado por um grupo de referência, adquire a virulência do si mesmo, torna-se narcisista e por isso, muito frágil e dependente da imagem, que não sustenta a grandiosidade de existir, contudo, faz eclodir toda a violência que diariamente vamos nos acostumando a banalizar.

Obrigado pela atenção.

Cid Merlino